



“Somam-se os sinais de uma radical alteração do regime.”

**Cândido Mendes**

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
Sobre o pontificado de Francisco

“São atores vivos do presente e do futuro, não apenas do passado.”

**Márcio Santilli**

COORDENADOR DO INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL  
Referindo-se aos indígenas brasileiros

**Márcio Garcia Vilela**

Da Academia Mineira de Letras  
marciogarciavilela@yahoo.com.br

Tão relevante hoje quanto era na década de 80

## Em pouco tempo, Thatcher marcou o seu tempo

**M**argaret Thatcher, após ter sido a primeira mulher a ocupar as funções de chefe do governo do Reino Unido (1979-1990), exercendo o cargo de primeiro-ministro de Sua Majestade, faleceu em 8 de abril último, amparada pelo respeito de um mundo que em grande parte mal chegou a conhecê-la. A Inglaterra, durante o século XX, contou com duas notáveis personalidades políticas: uma, salvou-a na guerra; a outra, resgatou-a na paz, combatendo, com sucesso, o caos gerado pela mais grave crise econômica e social enfrentada pelo país naquela quadra histórica.

É curioso observar que, vitoriosos ambos, em sequência foram derrotados: Winston Churchill, o maior herói da Segunda Guerra Mundial, logo ao fim desta foi derrubado do poder pelo voto popular, que entregou a maioria do Parlamento a Clement Attlee. Thatcher, ao contrário, após conquistar três vitórias nas urnas, pouco antes do término do terceiro mandato, foi dispensada pelo seu próprio partido, o Conservador, que não teve coragem para disputar, sob a liderança da sua primeira-ministra, as eleições do ano seguinte. Se os conservadores lhe impuseram a humilhação pessoal, não lhe atingiram as qualidades principais, que a

assemelhavam a Churchill: fidelidade às convicções, coragem, energia e determinação.

A baronesa Thatcher deixou sua casa em Grantham, passou a ser uma MP em 1959 e rapidamente se tornou uma “junior minister” em 1961. Para uma geração de políticos ingleses no pós-guerra, garantir pleno emprego tornou-se o próprio objetivo da vida pública. Tal espécie de obsessão levou conservadores e trabalhistas a intervirem cada vez mais na economia, da fixação de salários à decretação de preços. Nessa floresta de estatismo, o setor privado quase não enxergava para produzir.

Thatcher tinha como guru intelec-

tual Friedrich Hayek e livro de cabeceira o famoso “The Road to Serfdom”, ao lado de Enoch Powell e Keith Joseph. Fundamentalmente, estavam estaqueadas as bases do seu pensamento econômico. Conta-se que, quando preparavam seu discurso para assumir a liderança do Partido Conservador, em 1975, um “speechwriter” desejou citar Abraham Lincoln: “Não se pode fortalecer o fraco enfraquecendo o forte. Não se pode prosperar desencorajando a poupança. Não se pode ajudar o assalariado sufocando o empregador”. Quando terminou a oração, mrs. Thatcher enfiou a mão na sua bolsa e dela retirou um texto que continha as mes-

mas palavras de Lincoln. “It goes wherever I go”, exclamou.

Consta, também, que, publicado o “best-seller” de Shirley Conran, “Superwoman”, os russos tentaram ridicularizá-la chamando-a de “the iron lady”. Foi um tiro no pé. Não só lady Thatcher gostou muito do apelido como também tratou de tirar proveito da invenção dos bobocas. O maior prêmio veio um pouco mais tarde: o desmoronamento do império do mal que o planeta ficou devendo a Reagan e Thatcher.

A inesquecível lady e o “thatcherism” que cunhou permanecem tão relevantes hoje quanto eram nos anos de 1980.

**Beto Vianna**

Linguista

www.bioliugagem.com

Um novo 25 de Abril português

**Marcelo Tito**

Advogado

marcelotito@gmail.com

Uma solução para o problema da violência?

## Que se lixe a troika

**D**izem as más-línguas (dentre elas, o português) que o fado é a expressão da alma lusitana. O “Fado da Mentira” traz os seguintes versos: “Fiz uma cova na areia/ Pra enterrar minha mágoa/ Entrou por ela o mar todo/ Não encheu a cova d’água”. Eis aí um lirismo transbordante de choro e de sofrimento. Cantar o amor perdido, o amor infame, traiçoeiro, foi a tônica de todo fado que se permitia entoar na ditadura que perdurou ruins 40 anos em Portugal. Presentindo a alvorada do 25 de abril de 1974 – dia da Revolução dos Cravos –, os portugueses mudaram de tom.

O chororô fatalista deu lugar a canções de mobilização e de protesto. Graves, ainda, no denunciar a falta da liberdade e a justiça social da velha ordem, mas cheias de futuro e esperança. Custou muito ao fado sacudir tanta areia amontoada por quatro décadas e entrar nas ondas novas do Portugal democrático. Mas entrou. Nos anos 90, como se o destino quisesse vingar as velhas tradições, era o 25 de Abril

que se via em maus lençóis, ignorado por uma juventude crescida no embalo do fast-food, do recém-caído muro alemão, das maravilhas do neoliberalismo. Mercado único, livre circulação de gentes e capitais, moeda forte, o euro. Como um sonho sebastianista, havia quem visse aí a oportunidade de recuperar, nas asas da quimera europeia, a grandeza imperial perdida. Infelizmente, nem tanto ao céu. Como dizem os versos finais do “Fado da Mentira”, “Ninguém conhece no rosto/ O que nos sua alma inspira/ A vida é tudo desgosto/ Mentira, tudo mentira”.

Três países que ingressaram quase juntos, nos anos 80, na União Europeia – Grécia, Espanha e Portugal –, vivem agora as agruras de se submeter a outra trinca, ou “troika”, como é chamada: o Fundo Monetário Internacional, a Comissão Europeia e o Banco Central Europeu. Em dois anos de austeridade imposta pela troika – com o conluio dos respectivos governos –, as perspectivas de gregos, espanhóis e portugueses são cada vez piores. De-

semprego, aumento das desigualdades sociais, cortes em serviços públicos essenciais, tudo com a desculpa de se “arrumar a casa”, ou seja, pagar as dívidas e reabrir o especulativo crédito para movimentar mais uns trocados. Já vimos esse filme no Brasil. Mas nossos irmãos europeus botaram a boca no trombone, e a música incomodou ouvintes de além-mar. Em seu editorial de 15 deste, o “The New York Times” diz que, além de as medidas não terem os efeitos pretendidos (“o remédio amargo está matando o paciente”), a crise agrava o descontentamento popular, sempre perigoso, na visão do jornal. Pois claro.

No dia 2 de março, a praça Marquês de Pombal foi engolida por um tsunami de 800 mil portugueses, que manifestavam seu descontentamento. Choro doído, como num velho fado lamurioso, mas tocado por punhos erguidos em protesto, como num 25 de Abril. O dia 2 de março fica na história como uma data que se fez outra, em que o povo – não a troika – é quem mais ordena.

## Sobre a maioria penal

**J**uristas e parlamentares divergem sobre o tema da redução da maioria penal e apresentam possíveis soluções para a diminuição da criminalidade praticada por adolescentes.

A redução da maioria penal pode ser a solução para o combate à violência? A Constituição Federal prevê que não podem ser penalmente imputados os menores de 18 anos, ou seja, na prática, não podem ser punidos pelos crimes praticados antes de completarem 18 anos. Porém, é grande a pressão de parte da sociedade para que os menores infratores possam ser penalmente responsabilizados por suas ações.

Uma pesquisa publicada pelo Instituto DataSenado, com pessoas entre 18 e 40 anos, em outubro de 2012, apontou que 89% dos 1.232 cidadãos entrevistados querem imputar crimes aos adolescentes que os cometerem. De acordo com a enquete, 35% fixaram 16 anos como idade mínima para que uma pessoa possa ter a mesma condenação de um adulto; 18% apontaram 14 anos e 16% responderam 12 anos. Houve ainda 20%

que disseram “qualquer idade”, defendendo que qualquer pessoa, independentemente da sua idade, deve ser julgada e, se for o caso, condenada como um adulto.

É possível ser contra a redução da maioria penal, porém, a favor de uma reforma do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Essa é a posição do juiz de direito Geraldo Claret de Arantes, que esteve à frente da Vara da Infância e da Juventude da Comarca de Belo Horizonte entre 1998 e 2001. Segundo ele, as reformas seriam em relação às sanções e aos atos infracionais que envolvam violência ou ameaça contra a pessoa.

Como autor da proposta (PEC 33) que altera os Artigos 129 e 228 da Constituição Federal e reduz a maioria penal para 16 anos, o senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) se baseia em casos de jovens com menos de 18 anos que cometeram crimes violentos e reincidiram em atos infracionais, justificando, assim, a permissão para que os adolescentes de 16 e 17 anos sejam julgados como adultos.

Já a senadora Lídice da Mata (PSB-BA) é contra a aprova-

ção da PEC. Em entrevista, a senadora foi questionada se a redução da maioria penal poderia ser a solução para o combate à violência no Brasil. Disse que nada garante que a diminuição da maioria possa, efetivamente, dar essa contribuição. A parlamentar alegou que, hoje, vemos adultos “utilizando” jovens entre 16 e 17 anos para fazerem a “ponte” com a criminalidade, seja no tráfico de drogas ou em outros crimes.

A senadora Lídice da Mata defende posição contrária ao aumento da maioria penal. “Não defendo a impunidade de adolescentes, mas, sim, que cada situação seja analisada levando-se em consideração a idade do envolvido e o tipo de crime praticado. Definir uma idade menor do que a atual, de 18 anos, seria o mesmo que andar na contramão de tendências mundiais”, afirmou. A senadora acredita que é fundamental priorizar políticas públicas que ofereçam condições para que os municípios estejam mais bem capacitados e bem-preparados para oferecer saúde, oportunidades de formação/educação, esporte e lazer para os jovens.

**O TEMPO**

**ENDEREÇOS**  
Sede Comercial  
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151  
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920  
Web.: www.otempo.com.br  
e-mail: comercial@otempo.com.br  
Redação e Industrial  
Avenida Babiá Camargos, 1.645  
Cidade Industrial, Contagem - MG  
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

**SERVIÇOS EDITORIAIS**  
The New York Times  
**AGÊNCIAS NOTICIOSAS**  
Associated Press, Agência Globo, Folhapress e Agência Estado

**ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**  
0800-703-4001 (interior)  
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)  
**Horário de funcionamento:**  
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h  
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h  
E-mail: atendimento@otempo.com.br

**FILIADO À ANJ**  
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br  
**IVZ**  
FILIAL DO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

**PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG** (consulte nossas promoções)  

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00 à vista ou: 2 x R\$ 246,00 3 x R\$ 164,00 4 x R\$ 123,00 6 x R\$ 82,00	R\$ 246,00 à vista ou: 2 x R\$ 123,00 3 x R\$ 82,00 4 x R\$ 62,00	R\$ 123,00 à vista

**ESCRITÓRIOS COMERCIAIS**

**SÃO PAULO**  
Avenida Jamaris, 100 - Sala 207 - Bairro Moema - São Paulo - SP - CEP 04.078-000  
**Fone/fax:**  
(11) 5531-3334 - (11) 5531-3336 - (11) 9935-3534  
**E-mail:** rodrigo.simoies@otempo.com.br

**RIO DE JANEIRO**  
**Bueno Comunicação** - Av. Almirante Barroso, 63 - Sala 2012 - Edifício Cidade do Rio de Janeiro - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP.: 20.031-003  
**Fone:** (21) 2524-5644  
**E-mail:** fbueno@buenocomunicacao.com.br e barbara.bueno@buenocomunicacao.com.br

**BRASÍLIA**  
SRTVS Quadra 701 - Bloco O - Sala 658  
Centro Multiempresarial Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000  
**Fone/fax:** (61) 3223-6999 - (61) 8223-6606  
**E-mail:** fbueno@otempo.com.br

**ESPÍRITO SANTO**  
Dicape Representações e Serviços Ltda - Rua Pedro Palácios, 79 - Ed. Centro Jurídico, sala 4  
Prainha - Vila Velha - ES - CEP 29.100-190  
**Fone/fax:** (27) 3229-1986 - (27) 3062-1953  
**E-mail:** didimo@otempo.com.br